



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

BATALHA: MEMÓRIA E IDENTIDADE INDÍGENA NO PLANALTO DA CONQUISTA

Renata Ferreira de Oliveira*
(UESB)

Me. Adilson Amorim de Sousa**
(UESB)

RESUMO

O presente trabalho é o resultado parcial de uma pesquisa em andamento e tem por objetivo discutir a descendência indígena na região da Batalha, situada na Zona Rural do município de Vitória da Conquista, tendo em vista a presença das comunidades residentes e que se auto-definem como originárias das tribos indígenas que habitaram a região. Ainda propõe-se a analisar os conflitos marcantes na História de vida dos atuais habitantes, bem como os processos de resistência definidores da identidade e da tradição dos grupos estudados. É na revisitação da memória, presente na rede de transmissão oral da Batalha, que essa pesquisa se concentra, como tentativa de propor um encontro com os registros dessa memória no tempo presente.

PALAVRAS-CHAVE: Conflitos; Indígenas; Resistências.

INTRODUÇÃO

A memória revisitada

A colonização do Sertão da Ressaca⁹⁰ significou a expulsão dos indígenas de suas terras e o desmantelamento de suas tribos. Embora a “conquista” do autóctone

*Aluna do Curso de História. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e da América Negra. E-mail: renataconquista@yahoo.com.br.

**Professor do Departamento de História da UESB. E-mail: diouesb@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

tenha efetivado, inúmeros foram os conflitos e diversos os meios de resistência desenvolvidos pelos povos originários, ainda hoje bem latentes. Comunidades como as da Batalha são quadros vivos que expõem as várias faces dessa resistência diante da expansão das bandeiras colonizadoras.

Não obstante, a relevância desta pesquisa se dá pelo propósito de registrar a história de vida dos moradores da Batalha na atualidade, e que descendem dos nativos ali quase que totalmente dizimados, mas também propor de forma coesa um encontro com a memória do povo daquele lugar, como fonte de conhecimento e preservação de seu passado e certeza de construção do futuro. Para que essa pesquisa seja possível, lançaremos mão de uma metodologia que possibilite a recuperação da História desses povos, por meio da memória como fonte oral: entrevista com moradores da região; do diálogo, com uma documentação primária: inventários, fotos, registros de compra e venda de terras; bem como a utilização de bibliografia acerca da História de Vitória da Conquista e das tribos que habitaram a região.

A preservação étnico-cultural de comunidades tradicionais pode ser identificada a partir das relações que se estabelecem no conjunto do grupo, quando definem o jeito de viver inserido numa cultura tradicional. A região da Batalha fixa-se nesse contexto, como resultado de um processo de resistência capaz de perpassar pela história de seu grupo e chegar até os dias atuais.

As comunidades de tradição oral sustentam sua História por meio da transmissão de saberes a seus descendentes. Essa memória não funciona apenas como um meio de perpetuação da História, mas também como fonte de resistência. Nessa perspectiva, a oralidade possibilita a recuperação das formas de vida, sobretudo, de grupos minoritários, por vezes excluídos e marginalizados.

⁹⁰Sobre a colonização do Sertão da Ressaca ver: SOUSA, M.A.S. **A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia.**



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A concepção histórica baseada na tradição cultural é um traço marcante da comunidade da Batalha. Sua narrativa carregada de impressões do passado e presente constrói seu futuro na esperança da preservação de sua memória. A rede de transmissão oral dessa região é povoada pela história do lugar onde habitam, relacionando-a com a História da colonização da atual cidade de Vitória da Conquista. Trazer essa narrativa para o presente de forma escrita permite a valorização, o conhecimento e a preservação da memória de um grupo que nunca teve oportunidade de ter seus registros escritos, e ainda contar sua história através de sua ótica.

A História de Conquista

A chegada dos portugueses ao Brasil modificou diretamente os modos de vida das tribos que habitavam suas terras. É sabido que os primeiros contatos foram pautados no ritmo do escambo já conhecido pela historiografia nacional. Ao passo que se estabelece o povoamento das terras, determinando sua exploração com base na política agro-exportadora, os conflitos entre os povos nativos e os colonizadores se acirraram. O compasso da conquista e exploração das terras pelos portugueses desencadeia a resistência e luta por seus territórios no caso indígena. Os processos que transformaram as relações sociais e, por sua vez, destruíram tribos nativas que habitaram o Sertão da Ressaca, é o mesmo já utilizado contra esses povos em outras regiões da colônia.

A colonização do Planalto da Conquista é o resultado de um processo diretamente conexo à busca de ouro, já decadente nas Minas Gerais, à expansão da pecuária, bem como no povoamento dessas terras que possibilitaria a formação de um canal entre o litoral e o Sertão, além do aprisionamento e/ou “conquista” da



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

população nativa. A “pacificação” e povoamento do território que se chamaria Arraial da Conquista são atribuídos aos sertanistas João Gonçalves da Costa⁹¹, e o Mestre de Campo João da Silva Guimarães⁹², líder da Bandeira⁹³ responsável pela ocupação territorial do sertão, iniciada em meados do século XVIII.

A História do município de Conquista está marcada pela luta contra as tribos nativas, num cenário abalizado pela violência, pela imposição da cultura do colonizador, pelo aldeamento dos índios sobreviventes, obrigando os diversos grupos, muitas vezes inimigos, a conviverem entre si, num sistema de violação de sua cultura e organização.

Embora existam poucos relatos sobre as populações aborígenes, aliados ao desaparecimento quase que total de seus vestígios, em decorrência da violenta usurpação de sua história pelo colonizador, as pesquisas já realizadas nos permite traçar um quadro sobre os primeiros habitantes da região⁹⁴ ressaltando a singularidade de cada uma. Os primeiros e raros relatos sobre esses grupos são frutos dos escritos deixados pelo Príncipe Maximiliano de Wied, Neuwied, quando passou por aqui no início do século XIX. Desde então, apesar de releituras importantes dessa

91 “João Gonçalves da Costa é uma figura proeminente e pioneira no processo de conquista, ocupação econômica e povoamento do Sertão da Ressaca, local em que se estabeleceu o arraial da Conquista, núcleo original da cidade de Vitória da Conquista. Destacado por uma atuação empreendedora, arguta e aventureira, revelando-se como um agente do Estado Português altamente dedicado e eficaz”. ver: SOUSA, M.A.S. **A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia.**(p. 47)

92 Sobre João da Silva Guimarães ver: MEDEIROS, R.H. de A. **O município da Vitória.** Notas críticas. Vitória da Conquista, 1996. (p.96).

93 Ruy Medeiros, nas notas da edição do livro de Tranquilino Torres: **O município da Vitória** salienta que: “o objetivo da bandeira sertanista era explícito naquele regimento: Conquistar o sertão entre os Rios das Contas, Pardo e São Mateus, encontrar metais preciosos, estabelecer fazendas de gado, matar índios que se opusessem à conquista, estabelecer aldeias e destruir quilombos que fossem encontrados” (p.90).

94 Sobre a descrição mais sistemática das tribos que habitaram o Planalto da Conquista ver: WIED, NIWIED, Príncipe Maximiliano de. **Viagem ao Brasil.** Rio/São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1940.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

obra, são poucos e raros os estudos⁹⁵ acerca de comunidades que se originaram em tribos indígenas, e que ainda resistem ao longo do tempo.

Os escritos do Príncipe, sobre a população nativa, ressaltam a distinção entre as três tribos que habitaram uma região comum. Embora as diferenças físicas sejam marcantes, elas não se assentam somente nessa esfera. As diversidades vão desde a forma organizacional, os costumes e a rivalidade entre si, circunstância que foi estrategicamente aproveitada pelos colonizadores para dificultar os processos de resistências. Cada tribo possuía uma complexa forma de vivência distinguindo-as das demais e referenciando as estratégias de conquista por parte do colonizador, que aproveitando de suas diferenças e conflitos, fomentou a guerra entre elas.

Para o sucesso da investida colonizadora, era necessário argüir os empecilhos ao longo do curso. A ordem era combater os nativos, destruir quilombos e colonizar as terras. A figura de João Gonçalves da Costa nos combates aos autóctones se destaca pela perspicácia e força usadas nas batalhas contra as tribos⁹⁶.

A resistência dos indígenas cumpria a função de principal obstáculo para a formação do Arraial. As tribos que habitavam a encosta do Planalto foram dizimadas quase que totalmente, mas não sem resistirem por meio dos mais complexos sistemas de oposição à conquista.

Desde os primeiros contatos com os desbravadores os aborígenes reagiram na defesa do seu território, e mesmo depois da instalação do “Arraial da Conquista” têm-se notícias de confrontos entre colonizadores e indígenas. Aliás, os primeiros

95A dissertação de mestrado da professora Antonieta Miguel, intitulada: Vida Material e Cotidiano: A Imperial Vila da Vitória na Segunda Metade do Sé.XIX, em seu primeiro capítulo, traz uma significativa contribuição para o estudo sobre os indígenas da região. A autora inicia com os relatos do príncipe Maximiliano Wied Neuwied, quando esteve no Brasil e manteve contato com as tribos locais: Mongioí, Botocudo e Pataxó. Graças aos escritos do príncipe, a historiografia pode lançar mão das descrições detalhadas feitas por ele.

96Sofre os conflitos travados entre indígenas e João Gonçalves da Costa, ver: TORRES, Tranquilino. **O Município da Vitória**. Vitória da Conquista: UESB, 19996. (p. 46 e 47).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

tempos de Conquista são marcados “por um conjunto de guerrilhas cruéis, onde as tribos foram dizimadas pela força das armas, da exploração e pela disseminação de doenças contagiosas.”⁹⁷ (MEDEIROS, apud FONSECA. A 1998, p. 124)

A instauração do conflito foi marcada pelas estratégias de batalhas entre nativos e colonos. Esses últimos fizeram largo uso de vários mecanismos já empregados na captura dos indígenas.⁹⁸ Desse confronto surgiu o mito que fundamentou o triunfo de João Gonçalves da Costa, dando origem ao embrião da cidade de Vitória da Conquista. Das tribos aqui residentes, foram os Mongoiós que se associaram a João Gonçalves da Costa, numa tentativa de sobreviver às intenções do capitão-mor e ainda combater os inimigos Ymborés. Esse complexo mecanismo pode ser entendido como um fator de resistência dessa tribo, à “conquista” efetuada pelos colonizadores. Certamente o mestre-de-campo se beneficiou da aliança nas batalhas contra os outros grupos. Enquanto que os Mongoiós viram nessa união a possibilidade de derrotarem de vez seus inimigos botocudos e manterem seu território. A irradiação desse ódio entre as tribos foi estrategicamente empreitada, para minimizar a capacidade de potencializar a resistência contra o domínio do outro, aqui representado pelo colono.

Contudo, infere-se desse processo que essa tribo, ao longo do avanço das intenções de João Gonçalves, percebeu que a necessidade de resistir ia além do fato de derrotar seus antigos inimigos, mas também de enfrentar o desafio de manterem seus domínios fora do julgo do capitão, cada vez mais ávido por novas terras, especialmente diante do avanço das fazendas de gado no seu território.

Ao passo que a presença aguerrida dos conquistadores ameaçou a sobrevivência dos Mongoiós, desfazendo a “aliança”, houve uma intensificação no

97Ver NERI, V. de Almeida. Boqueirão o romper do silêncio. Monografia. UESB, 2005.

98O apoio às guerras entre povos inimigos são exemplos de estratégias de combate ao nativo.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

caráter dos conflitos quando a usurpação de terras, a traição e crueldade contra essa tribo marcou o cenário de lutas que passaram a ser constantes, entre este antigo aliado e os colonizadores.

O mito fundador da cidade de Vitória da Conquista perpassou entre gerações e permanece na memória da sociedade local. Ao descrevermos as várias faces do conflito, trabalhamos com a perspectiva do mito também presente na oralidade que norteia as comunidades aqui analisadas. Os mais idosos ainda remontam o nome da cidade à conquista de um bandeirante sobre as terras dos indígenas.

A região da Batalha foi o primeiro lugar a ser alcançado por João da Silva Guimarães quando adentrou o território do posterior Arraial da Conquista⁹⁹, conflitando com os nativos da região. O mesmo ambiente foi palco do último e grande conflito entre a tribo dos Mongoiós e a tropa de João Gonçalves da Costa. Dos episódios de lutas entre índios e bandeirantes, que possuíam ares de massacre, está a imagem de um jantar que João Gonçalves da Costa teria realizado com os nativos antes da última batalha. O acontecimento entrou para a história do lugar como o “banquete da morte”. Durante o festim, os índios não teriam estranhado a trégua com os seus inimigos. Entretanto, uma manigância ardilosa estava sendo maquinada. O capitão-mor e seus homens puseram-se a talhar a corda dos arcos de vários guerreiros. A truculência continuou e vários índios embriagados foram degolados, porém muitos conseguiram resistir ao morticínio.

A luta renhida atravessou a manhã e varou a tarde daquele dia, se desenrolando em uma vasta área da região. O teatro sangrento marcou a região de nome Batalha. Embora quase que totalmente dizimados, muitos índios conseguiram fugir e outros foram aprisionados para serem utilizados como mão-de-obra na abertura de estradas, na derrubada de matas, entre outras atividades.

⁹⁹Sobre a rota de entrada de João da Silva Guimarães nas terras que formaria o Arraial da Conquista, ver: MEDEIROS, R.H. de A. **O município da Vitória**. Notas críticas. Vitória da Conquista, 1996. (p.90 a 96)



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A descendência indígena da Batalha se identifica com os índios sobreviventes ao massacre. Alguns foram capturados e “amansados”, outros se refugiaram na localidade conhecida por “casa dos índios.”¹⁰⁰

Ao passo que a consolidação do povoamento do Sertão da Ressaca se constituía por meio da expulsão dos indígenas de suas terras para a materialização das áreas de pecuária, as configurações de uma sociedade em formação se definiam por meio da tentativa de dizimação do autóctone.

Embora as tribos habitantes do Planalto da Conquista tenham sido desmanteladas, a resistência cultural e identitária percebidas na composição social de comunidades que margeiam a cidade, nos mostram um conjunto de elementos identificadores de um passado indígena que as compõem. A região estudada é um retrato dessa percepção, quando seu passado abrolha por meio das lembranças, carregadas de impressões do que fora seus ancestrais, identificados com os nativos que ali residiram.

A Batalha, como é ainda conhecida atualmente, palco de conflitos entre os índios Mongoiós e a tropa de João Gonçalves da Costa, se localiza a oito quilômetros da cidade de Vitória da Conquista no distrito rural de José Gonçalves. A referência da memória do lugar, ainda é do último conflito entre índios e portugueses. A região compreende as comunidades do Ribeirão dos Paneleiros,¹⁰¹ da Batalha Velha e a da Lagoa do Arroz, que são por sua vez o recorte de nosso trabalho, e compõem um grupo social de 85 famílias oriundas da região, que se identificam com os indígenas resistentes à colonização.

100Nos relatos dos habitantes da Batalha, a casa dos índios aparece como localidade onde os sobreviventes do conflito se refugiaram até serem aldeados, quando surge o Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

101Tem esse nome por ter no artesanato e fabricação de painéis de cerâmicas a sua principal atividade econômica.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

As comunidades hoje dividem seu espaço com fazendas destinadas à criação de gado e agricultura, bem como algumas comunidades de pequenos agricultores. Em entrevistas coletadas com os moradores da região, a memória aponta com bastante precisão o procedimento de transformação histórica sofrida ao longo dos anos.

Para o senhor Jesulino¹⁰², conhecido por Jês e uma das maiores referências tradicionais da comunidade Ribeirão dos Paneleiros, a terra da qual a Batalha fazia parte pertencia à sua família. De acordo com ele, o território iniciava-se no Poço Escuro, um dos lugares de moradia dos nativos, até o extremo da atual comunidade Lagoa do Arroz, e Serra de Santa Inês, na Batalha. As terras iriam num raio de 40 km de extensão. Quando, na atualidade, as famílias possuem menos de 05 hectares cada. E mal conseguem sobreviver no pequeno espaço em que residem. Essa situação é fruto da ocupação por parte de fazendeiros, por meio da compra e grilagem de terras.

No que tange à identidade indígena de sua família, Sr. Jês nos expõe os fatos que levaram à formação étnica de sua estirpe.

[...] eu tenho um irmão que ês chamava ele de índio, ês chamava nós de índio porque já vem da nação dos índios. Minha vó, meu bisavô veio da nação, por isso aqui é Paneleiro, proquê nós tudo faz panela de muito tempo [...]. Os últimos índios morava tudo aqui perto nesse giro aí, ó. Já chamava Batalha dos índios. Por isso que ês botou o nome de Batalha. O bataião dos índios foi aí, ó, na Serra da Santa Inês, hoje é que não tem, o derradeiro ês matou lá naquela igreja Nossa Senhora das Vitórias [...]

Outro morador, da comunidade Batalha Velha, o Senhor Manoel, de 60 anos, ao narrar a história de seu grupo se refere ao marco histórico da conquista e colonização de sua região pelos portugueses. Segundo ele:

102O Sr. Jesulino é uma referência para a memória da Batalha.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

[...] aqui é conhecida por Batalha Velha, por causa do bataião dos índios, ês morava tudo aí ó, era tudo dê. Os branco que chegou e tomou tudo e botou outros nomes, mais é tudo Batalha. A Batalha era tudo isso aí que cês tão vendo. Começava lá em Conquista e ia por esses mundão tudo aí. Mas daí foram correndo com os índios, e botando ês pra trabiá de escravo, tudo foi ês que fez, até aquela igreja de Conquista, os índios que carregava as toras de madeira nas costa. O governo foi dando as terras aí, aquês titulo de graça e foi acabando com tudo até chegar no que cês tá vendo.

O mesmo relato nos foi dado por seu Caçula, como é conhecido na região o Sr. Fernando. Com idade de 78 anos, é considerado índio por todos aqueles que o conhece. Em seus relatos, ele nos diz que a maioria dos moradores antigos veio da fazenda Batalha, da Serra de Santa Inês, lugar lembrado por Tranqüilino¹⁰³, como pertencente ao local da guerra contra os índios Mongoiós. De acordo com ele:

[...] Eu vim da Santa Inês, lá da Batalha. Minha mulher veio do Mandacaru. O povo tudo diz que eu sou caboco. Eu já entrei em terra que só índio podia entrar lá no sul, lá em [...] Itaju da Colônia [...] Nos tempos passado muita gente foi embora daqui pra região de Inhobim e Serra do Cachimbo, nós ficou pra trás. Os caboco mesmo morava lá na Batalha. Eu via direto as alma dê resmungando na Santa Inês.

A descrição feita por Sr. Caçula evidencia a formação dos aldeamentos no Arraial da Conquista e o posterior (re) aldeamento em 1930 quando o governo cria o posto indígena Caramuru - Paraguaçu no sul da Bahia. A criação dos aldeamentos¹⁰⁴ (Santo Antonio da Cruz e Cachimbo ambos à margem do Rio Pardo) foi um dos mecanismos de “conquista” dos indígenas que se viam obrigados a deslocarem para eles, numa última tentativa de sobrevivência.

103 Ver: TORRES, Tranquilino. **O Município da Vitória**. Vitória da Conquista: UESB, 19996. (p.44)

104A pesquisa da Dr^a Maria Hilda Baqueiro Paraíso é uma importante referência no estudo dos aldeamentos do Sertão da Ressaca. PARAÍSO, Maria H. B. **O tempo da Dor e do Trabalho: a Conquista dos Territórios Indígenas nos Sertões do Leste**. Tese de Doutorado – FFLCH – USP, 1998.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Para os moradores, que ainda resistem aos desafios impostos pela transformação social que adentrou as comunidades da Batalha por meio de um processo “violento” de miscigenação, a região ficou bastante difícil de viver, pois os recursos são escassos e a carência por políticas públicas que não chegam, faz com que haja uma intensa migração dos habitantes em busca de melhorias da condição de vida.

Maria Elza, moradora da comunidade Ribeirão dos Paneleiros e uma das lideranças do grupo, narra o atual cenário de sua comunidade destacando os desafios que às vezes são quase insuperáveis. Segundo ela:

[...] o povo cercou a fazenda, a gente não tem barro suficiente para trabalhar, não tem a lenha, água. Aí começou a ficar difícil e muita gente foi embora. Aí mora um bocado no Bruno Bacelar. [...] antigamente era assim, criava tudo solto, ninguém prendia a criação, só a roça, não faltava nada. Hoje, ai da gente se entrar aí, ó (mostrando a cerca que limita sua terra da fazenda) prá pegar um balde d'água ou um graveto de lenha. O barro prá fazer panela a gente pega ali, mas o dono já num quer dá não. E agora a gente vai fazer o que, né? [...]

Apesar das dificuldades trazidas por um agudo movimento de transformação da comunidade a partir do povoamento da região, a resistência se manifesta desde a preservação de sua memória, bem como, por meio do artesanato em cerâmica que aproxima os grupos estudados, de suas origens.

Os artefatos produzidos por sociedades indígenas englobam um significado impossível de ser entendido fora de seu contexto sócio-cultural. Precisamos apreender esse desenvolvimento artesanal por um viés cultural construído a partir de códigos simbólicos, cuja cultura desenvolvida permeia a experiência particular de cada grupo. São esses objetos carregados de significados que ajudam a definir a tradição e identidade das sociedades indígenas. Portanto, devemos entendê-los como



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

um conjunto de aspectos que envolve a estética, a ritualística, a arte e o poder simbólico que expressam o modo de perceber a vida e suas concepções, de como ela deve ser organizada dentro da dinâmica e experiência das comunidades.¹⁰⁵

Os objetos de cerâmicas são elementos de composição da vida social de grupos indígenas.¹⁰⁶ A arte em cerâmica diz muito sobre as sociedades indígenas que a desenvolveram. A estética empregada define o estilo adotado pelo grupo, determinando sua singularidade. A arte aqui, não é dissociada de um contexto que envolva a experiência social do grupo. Ela é desenvolvida a partir de uma necessidade de complementar esse acréscimo, e tem uma função específica. A cerâmica serve não apenas como objeto de arte decorativa, mas como recipiente para guardar alimentos, sementes, água, e também como artefato religioso, no caso das urnas mortuárias.

Entenderemos a arte em cerâmica como uma cultura material definida a partir de seus aspectos cognitivos, em que todos os conhecimentos relativos à sua confecção são sublinhados. No caso da cerâmica da Batalha, confirmamos esse preceito. Há todo um conjunto de símbolos empregados na sua composição, desde a coletividade do saber, adquirido dos antepassados e transmitido aos futuros artesãos, bem como os objetos utilizados na fabricação.

Apesar de a Batalha ter contato com um modelo de “desenvolvimento” trazido pela modernidade para o campo, a produção de cerâmica é a mesma desde os tempos dos antepassados. Os instrumentos são todos artesanais: a sola para alisar, junto com uma pedra própria pra essa finalidade, uma cuiteba¹⁰⁷, outra panela de barro que fica esses objetos junto com água, a tinta, que é a terra vermelha

105 Sobre os objetos na sociedade indígena ver: SILVA, A.L. da. **O sistema de objetos nas sociedades indígenas**: Arte e Cultura Material. A Temática Indígena na Escola Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Aracy Lopes da Silva (org.). Global Editora. São Paulo, 1998.

106 Nem toda tribo desenvolveu a habilidade com a argila, a exemplo da tribo Kayapó, no Brasil Central. (Idem. P. 390).

107 Peça de cuia de cabaça utilizada para o acabamento dos objetos de cerâmica.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

transformada em pó para dar a tonalidade ocre aos objetos, e os braços humanos, aplicados na modelação do barro.

Os mecanismos empregados na transformação da argila em artefatos identificam a recriação e ressignificação, componentes da tradição de um grupo, preservada em cada objeto produzido, cujo significado vai além da definição de artesanato, mas revela em sua manifestação intrínseca, a composição de uma identidade, como veremos a seguir por meio dos relatos dos artesãos da Batalha.

[...] És deu par o modo de inventar coisa de barro. Aí tia Erpídia falava: os índios mexia com isso aí [...] vamo botar esses minino pa ir ver. [...] Fui perto da casa dos índios, mas quer dizer que é assim [...]tinha a peda, que cavava debaixo do chão que ês entrava, então que diz que ês morava [...]a peda era grande assim e por dentro era que nem um salão [...]Agora eu não sei contar[...]já tinha muito tempo que ês tinha saído então agora na frente onde ês tava tinha um negócio assim feito, feito coisa que ês bateu cimento assim, o jeito que ês, fazia negócio de barro, assim. Mas nós num rompeu pra frente, não. Aprendi a fazer panela com minha mãe. És foi prendendo e ensinando os que não sabia.¹⁰⁸

Percebemos na descrição acima, de D. Alriza, a proximidade com os conhecimentos dos indígenas que habitaram a região, cujo nome atual é Serra da Santa Inês localizada na Batalha. Ainda no que se refere à cerâmica, vejamos outros relatos. “[...] Mãe falava que ês achava umas boca de pote bem mal feita aí. És achava que era coisa de caboclo. Achava que era [...] e assim aprendeu a fazer panela de barro. Hoje eu mesma num faço mais não, porque eu adoeci e barro ficou difícil e lenha”¹⁰⁹.

A maior dificuldade em continuar com a fabricação do artesanato em cerâmica, conforme relatos é a escassez de recursos usados em sua confecção. Isso

108D. Alriza Rodrigues de Oliveira. 78 anos – Ribeirão dos Paneleiros

109D. Sinhá. 70 anos – Fazenda Batalha



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

posto, percebemos que esse problema está intrinsecamente ligado à perda da terra para fazendeiros.

Ainda no que se refere à fabricação de panelas de barro, outra moradora nos descreve que:

[...] Eu aprendi a fazer panela com minha mãe (Alriza) desde pequena. Comecei a fazer panela com idade de oito anos. E já fazia prá vender. Só que naquela época era melhor de fazer, de vender, a gente tinha um espaço de vender em Conquista, o povo dava mais valor. Agora não, foi acabando, foi acabando e geralmente no lugar só tá tendo eu e Eliene, que tamo fazendo. E aí Ednalva começou assim, terminando, alisando, aí ela já corta o fundo, já forma a panela e termino. E aí eu pago ela prá me ajudar porque o trabalho é muito cansativo e não tem como uma pessoa sozinha fazer não. É todo esse trabalho que cê tá vendo aí: tem que massar o barro, tem de formar, tem que terminar, tem que cortar o fundo, tem que lisar, deixar secar prá ir pro forno, aí prá mim só, num dá. Aí eu tenho que pagar prá ela me ajudar. Pagar uma mixaria, porque eu também num posso pagar muito. Aí, ao invés dela ficar dentro de casa sem fazer nada, ela vem me ajudar. Ela aprendeu comigo.

[...] Prá mim, trabalhar com o barro é uma tradição, né? Que a gente vem desde os avô, bisavô, minha mãe. E aí eu sei que é uma tradição que a gente tem, uma origem. A panela identifica uma origem. É uma origem assim, porque a gente sabe que é uma descendência, fazer que nem a música, somo filho de índio. Aí veio assim essa tradição e veio parar até a mim. Aí eu to aí fazendo, não sei até quando [...] mas eu sei que é uma tradição, é uma origem que ficou, uma história que ficou da nossa família, dos antepassados. Então significa prá mim essa história. Que às vezes eu penso assim: acabar e depois eu volto e penso que tem que guardar pelo menos alguma coisa da origem da família, né?! Porque minha mãe não consegue mais fazer, por causa da idade. Se for prá ela fazer, ela faz, mas num guenta mais. Minhas tia também não, porque já tá tudo de idade. E aí os mais novo, eu vou ensinando pros mais novo. Quando eu não agüentar, tem minha filha, que vai ficar, né? Aí é assim, uma tradição que passou de geração.¹¹⁰

110 Maria (comunidade Ribeirão dos Paneleiros).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Na região da Batalha, onde viveram os últimos índios sobreviventes das guerras colonizadoras do Planalto da Conquista, seus habitantes, que descendem dos que resistiram aos combates contam, com orgulho, a história dos seus ancestrais. Em sua maioria, os costumes são preservados, até mesmo quando criam uma panela de barro. Há mais de 200 anos que o povo da Batalha sabe manusear a cerâmica. Essa tradição foi passada de geração em geração até os habitantes atuais. Sua arte enaltece a cultura de seu povo, trazida na concepção do barro, transformando-se em panelas ou peças de arte, a vanguarda aliada ao passado histórico, buscando – e conseguindo – retratar, com peso e leveza, a memória de seus antepassados.

Por fim, é bom ressaltar que esse trabalho é fruto de uma pesquisa ainda em andamento, razão que define a ausência de uma conclusão mais precisa. Tendo em vista a perspectiva de concretizar a proposta apresentada, ressalvamos ainda, o fato de que o caráter próprio do estudo de temas que apresentam muitas interrogações e indagações a serem desvendadas é desafiante. Porém, sua realização tem por finalidade abrir espaço para um estudo e debate acerca de grupos minoritários, mas carregados de saberes históricos, tradicionais e identitários que compuseram e ainda compõem a sociedade conquistense.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Edinalva Padre. (org.) **Ymboré, Pataxó, Kamakã**: A presença indígena no Planalto de Conquista. Museu Regional de Vitória da Conquista. Vitória da Conquista: EDIUESB, 2000.
- MEDEIROS, R.H. de A. **Recomendação ao bandeirante**. Fifó, Vitória da Conquista, p.8.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

_____ **Os Mongoiós e seu Destino.** Fifó, Vitória da Conquista, p. 8 e 9 de novembro. 1980.

_____ **Uma Pretensão de João Gonçalves da Costa.** Fifó, Vitória da Conquista, p. 11, 10 de janeiro. 1978.

_____ **O município da Vitória.** Notas críticas. Vitória da Conquista, 1996. Arquivo da Marinha e Ultramar. (Anais da Biblioteca Nacional) Volumes: XXXII, XXXIII e XXXVII.

MUIGUEL, A. **Vida Material e Cotidiano:** A Imperial Vila da Vitória na segunda metade do séc. XIX, Dissertação de Mestrado. UFBA, 2000.

Revista Memória da Bahia. Grandes Reportagens do Correio da Bahia. **A Conquista do Oeste:** Patriarcas de Conquista. UCSAL, 2002.

PARAÍSO, Maria H. B. **Palestra: O silêncio na História. Povos indígenas à Margem da História e o caso de Vitória da Conquista.** Museu Regional, 2000.

_____ **Os índios do Rio Pardo e a Imperial Vila da Vitória.** Revista do Departamento de Antropologia e Etnologia da UFBA, Salvador, Ano 1, n.1, dez. 1984.

_____ **O tempo da Dor e do Trabalho:** a Conquista dos Territórios Indígenas nos Sertões do Leste. Tese de Doutorado. – FFLCH – USP, 1998.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e Silêncio.** In. Estudos Históricos. 1989/3. São Paulo. Cpdoc/FGV.

_____ **Memória e Identidade Social.** In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. 1992 vol. 5.

SANTOS, N. B. Vanderlucy. **Boqueirão o Romper do Silêncio.** Monografia de Final de Curso, UESB, 2005.

SILVA, A. L. da. (org). **A Temática Indígena na Escola.** Global Editora. São Paulo, 1998.

SOUSA, M.A.S. **A Conquista do Sertão da Ressaca:** povoamento e posse da terra no interior da Bahia.

TANAJURA, Mozart. **História de Conquista:** Crônica de uma cidade. Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, 1992.

TORRES, Tranquilino. **O Município da Vitória.** Vitória da Conquista: EDIUESB, 1996.

VIANA, A. L. **Revista Histórica de Conquista.** Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, v.1, 1982.

WIED, NIWIED, Príncipe Maximiliano de. **Viagem ao Brasil.** Rio/São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.